

Estudo comparado entre os fatos narrados pelos correspondentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial e os relatos dos pracinhas

*Elen C. G. Vasconcellos**

No século XIII, época do comércio de especiarias foi publicada a obra narrativa *Viagens de Marco Polo*, em que um jovem de nome Marco, da família Polo de Veneza, foi, a mando do imperador Kublai-Khan, se aventurar em atravessar a Ásia, através da Mongólia, obra essa que obteve grande sucesso. Esse estilo de comunicação trazia ao leitor uma notícia mais detalhada de um lugar distante e, na maioria das vezes, desconhecido pelo leitor. Nos dias atuais esses relatos continuam comuns entre os correspondentes de guerra (HOHLFELDT, 2001, p.85).

Este trabalho pretende fazer um levantamento da história dos correspondentes de guerra brasileiros na Segunda Guerra Mundial, realizando um estudo comparado de seus relatos com os relatos de pracinhas brasileiros colhidos pós-guerra.

Interessante observar que, ao voltar ao Brasil, alguns desses jornalistas publicam sobre seu trabalho no front, ao mesmo estilo de Marco Polo, no século XIII, enquanto os pracinhas, em sua maioria, não gostavam de lembrar o

que passaram na Itália; poucos se aventuraram a publicar diários ou suas memórias.

Os correspondentes de guerra, em geral, são jornalistas profissionais, com um bom conceito na imprensa, que são enviados de forma especial por seu país até onde está acontecendo a guerra, com objetivo claro de relatar os acontecimentos. Para acompanhar as forças brasileiras na Itália, a imprensa brasileira enviou os seguintes correspondentes de guerra: *Diário Carioca*: Rubem Braga; *Correio da Manhã*: Rui Brandão; *Diários Associados*: Joel Silveira e José Barros Leite; *O Globo*: Egídio Squeff; *Agência Nacional*: Tharsilo C. Nike e Horácio G. Sobrinho (repórteres) e Fernando S. S. da Fonseca e Adalberto Cunha (cinegrafistas); *Jornal do Brasil*: Alberto D. Abranches. E ainda a jornalista e cronista Silvia Bettencourt (esposa do diretor do *Correio da Manhã*), pela *United Press* (SILVEIRA, 1989, p.125).

Além desses também foi credenciado junto à FEB o jornalista da BBC de Londres, Francis Hallowel, apelidado Chico da BBC.¹

As notícias do front para o Brasil chegavam aos jornais por diversos meios, como

* Licenciada em História (ISE) e bacharel em Direito (FDV – aprovada no Exame da Ordem, contudo não inscrita), ambos pela Fundação Dom André Arcoverde, pós-graduada em Direito administrativo (FIJ), gestora das pesquisas e manutenção do acervo material e imaterial da Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Valença/RJ. (excombvalenca@uol.com.br)

telegramas, radiofotos, de código Morse e também por via aérea, não antes de passarem pelo censor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (RIGONI, 2016, p. 34).

Dessa forma, através do estudo comparado os entre os fatos narrados pelos correspondentes brasileiros da segunda guerra mundial e os relatos dos pracinhas, é possível fornecer dados relevantes para o pesquisador que se proponha a verificar as entrelinhas dessa história, em que a cobertura de uma guerra conta com um desafio a mais: a influência do poder estatal e militar.

Joel Silveira confirma o exposto através de sua resposta na entrevista realizada por Fernando Albuquerque Miranda:

Em relação àquele período, de controle da imprensa por parte do governo de Getúlio, o senhor tentava escrever seus textos com informações nas entrelinhas? Digo, para driblar a censura?

A gente tentava né. Aquela literatura subliminar, mas não dava certo né, mesmo porque a censura era muito esperta também né. Descobria logo. Aí dava problema, não para a gente, mas para o diretor do jornal. Aí a gente evitava né. Escrevia sobre lite-

ratura, essa coisa toda, tal, compreendeu? Não cabia não. O DIP era terrível né. Era de grandes profissionais da imprensa também. De maneira que eles sabiam todos os truques. Eles também eram jornalistas né. Era muito difícil enganá-los, muito mesmo. (MIRANDA, 2007, p.12)

Muitos correspondentes aguardavam nos quartéis-generais os comunicados oficiais para depois escreverem suas crônicas com base nessas informações. Rubem Braga foi o correspondente que mais se aproximou do front e talvez por isso um dos mais censurados pela DIP.

Os ex-combatentes e suas viúvas relatam que também a correspondência da FEB era censurada, como é possível verificar (Figuras 1 e 2) nas cartas enviadas pelo Sr. Sebastião Ribeiro da Silva para a sua então namorada, Juracy Pereira Bastos, com quem se casou após o término da guerra.

Caso curioso de burlar a censura foi o do soldado Oranil Adelmo de Oliveira, do 1º Batalhão de Saúde, que contou que, ao receber uma carta de sua irmã informando que sua tia — que o criara e que, por afeição, tinha-a como mãe — havia falecido, começou

a chorar. Quando o comandante de seu pelotão o viu em tal situação de sofrimento e desespero, falando que sua mãe havia falecido, tomou a carta de sua mão, leu sem entender



Figura 1 – Correspondência 1

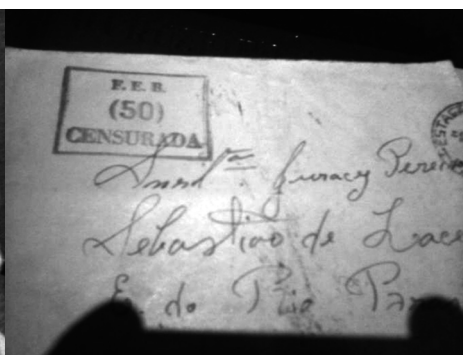


Figura 2 – Correspondência 2

Fonte: arquivo pessoal Juracy Bastos da Silva, fornecido gentilmente à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Valença (AECB-SV)

e o indagou como ele sabia, já que na carta não havia nenhuma mensagem de falecimento. Foi quando ele explicou a frase “nossa tia mudou-se para o Riachuelo, quando voltar faça uma visita para ela”. Riachuelo era o nome do cemitério de sua cidade de origem, Valença-RJ. Assim, a família encontrou um jeito de driblar a censura, já que não era permitido enviar notícias desse tipo para os soldados na Itália.

Comparando de fato as notícias jornalísticas da época e os relatos dos febianos, podemos colecionar alguns acontecimentos. Como primeiro exemplo, a chegada do 1º Escalão da FEB à Itália.



Figura 3 – Notícia jornalística
Fonte: O Globo Expedicionário

Em 12 de setembro de 1944, ainda no jornal O Globo:

Largas colunas de jipes e caminhões militares passaram pelas estradas da Itália, cheios

de soldados sedentos por lutar. A FEB apresenta-se bem treinada, muito bem equipada. [...] quando passavam os valentes soldados nos seus uniformes verde-oliva, ouviam-se os aplausos da população. [...] um oficial norte-americano afirmou que os soldados brasileiros saberiam dar conta dos nazistas. (O GLOBO apud RIGONI, 2016, p.32)

Para ilustrar as contestações dos soldados brasileiros em relação às informações prestadas pela imprensa carioca, que dizia que o 1º Escalão fora recebido no Porto de Nápoles pela população local e pelo comando americano com galhardia, o pracinha Ubirajara Dolácio Mendes descreve:

Mais tarde vim a saber que os jornais do Brasil noticiaram termos sidos acolhidos com palmas pelo italiano. Pode ser que isso tenha acontecido com o 2º escalão. Não sei. Nós, do primeiro, fomos recebidos sem entusiasmo nem desgurado. Ou, se uma coisa mais que outra, o sentimento predominante creio que era o desgurado. (MENDES, [199-?] década provável, p.34)

A gravação do jornalista da BBC de Londres, Francis Hallowel, demonstra grandiloquência antes que o Brasil desse o primeiro tiro:

Quero terminar esse meu comentário com algumas palavras sobre o desembarque das tropas brasileiras. Os correspondentes de guerra britânicos ficaram otimamente impressionados com os soldados brasileiros, e as suas impressões foram ouvidas por multidões de ouvintes aqui na Grã-Bretanha. Sentimo-nos orgulhosos de que os homens do Brasil estarão, em breve, combatendo

lado a lado com os nossos e os demais soldados das Nações Unidas, na Itália.²

O soldado Sebastião Rodrigues de Souza, do 1º Batalhão de Saúde, pertencente à 2ª Companhia, que era comandada pelo médico Sílvio de Queiroz Camargo, relatou sobre a difícil viagem e as péssimas condições em que ele e seus companheiros desembarcaram na Itália. Nas palavras dele, “estavam todos sem pernas e enjoados”.³ A viagem foi muito difícil para ele que estava no quinto porão, com todos aqueles treinamentos, o tira e põe dos equipamentos de salva-vidas, e o sobe e desce até o convés. Ele relata que todos vomitavam muito e chegaram enfraquecidos à Itália e que o desembarque foi um “alvoroço que ninguém se aguentava”.⁴ E ainda enfrentaram a dificuldade do idioma para entenderem os americanos.

Outro problema constado na recepção dos pracinhas brasileiros foi a cor dos uniformes, que gerou uma confusão entre os italianos, que acreditaram, por conta disso, que a tropa brasileira era de prisioneiros alemães.

Há vários relatos nesse sentido dos pracinhas brasileiros em suas memórias, como:

No caminho, quando marchavam desarmados pelas ruas de Nápoles, quase foram apedrejados pelos italianos. Tal era a semelhança do uniforme brasileiro com o dos alemães, que passaram a ser vistos como se fossem prisioneiros nazistas. (DEQUECH, 1985, p.33)

E ainda:

(...) Porque muitos rapazinhos, julgando pela cor do uniforme que éramos

prisioneiros alemães, apontavam-nos a mão com apenas o indicador e o mínimo abertos — que é a maneira italiana de fazer figa. E gritavam: “Tedeschi! Prigioneri tedeschi!” (=Alemães! Prisioneiros alemães!). De fato, o uniforme germânico, como viemos verificar pouco depois, tinha cor bem semelhante ao nosso; principalmente o uniforme de inverno. (MENDES, [199-?] década provável, p.34)

E as contradições encontradas não foram apenas em relação aos uniformes, como também em relação ao preparo do soldado brasileiro. Observe a transcrição:

Tive oportunidade de ler um jornal de casa. Um general que chegou trouxe O Jornal do rio de Janeiro. A descrição confirmou o que sempre pensei de notícia de jornal: falsidade e deturpação consciente e criminoso da verdade. Diziam que viemos preparados. Nada disso. Que trouxemos barracas. Passamos a noite no relento por não termos trazido. Fomos recebidos com grandes ovações de uma grande multidão. Cais deserto sem ter ninguém. Só alguns oficiais nossos, americanos e um grupo de italianos. (UDIHARA apud RIGONI, 2016, p. 32)

Outro caso interessante de relatar é a chegada do general Eurico Gaspar Dutra, que chegou à Itália no dia 24 de setembro de 1944, vindo de avião da Europa, acompanhado do general Wooten, comandante das forças aéreas americanas no Atlântico Sul, baseadas em Natal. Logo após, viajou para Londres a convite do governo britânico e,

quando retornou, inspecionou, em Pisa, os 2º e 3º escalões, que haviam chegado à Itália em 6 de outubro.⁵

Em 27 de setembro de 1944, O jornal O Globo noticiou:

NO <<FRONT>> O MINISTRO DA GUERRA DO BRASIL. Os soldados da F.E.B. com a presença do general Gaspar Dutra, experimentam os pontos fortes do inimigo.

Ao contrário do que se imagina ao ler essa manchete — que a presença dele motivou a tropa —, porém, o relato do soldado Luiz Afonso Rodrigues, do 11 RI, conta que, na revista que o ministro da Guerra fez nas tropas na Itália, esse se demonstrou indiferente e nem olhou para os soldados, enquanto o general americano passou todo simpático, dava tapinhas no rosto dos soldados, falava alguma coisa, mas como era em inglês eles não entendiam. Eles ficaram com a maior raiva do Eurico, nas palavras do próprio pracinha, um “metidão” (O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, p.97).

Continuando as comparações, observa-se que não é apenas de incongruências que se revelam os relatos. Há manchetes jornalísticas que se confirmam com os relatos dos ex-combatentes no solo italiano, como por exemplo, o título da manchete do jornal O Globo “VITÓRIA MAIS DIFÍCIL QUE A DE MONTE CASTELO! A Tomada de Montese pelas forças do Brasil constituiu uma espetacular façanha de Guerra” (O GLOBO EXPEDICIONÁRIO, p.113).

Sim, realmente Montese, por unanimidade nas entrevistas realizadas com ex-combatentes brasileiros da Segunda

Guerra Mundial.

Luiz Afonso Rodrigues disse que poderia ter evitado muitos mortos, pois percebeu que a uns dois quilômetros de sua posição havia um paiol de pólvora disfarçado de hospital. Contudo, após várias ligações, apenas dois dias depois que enviaram um capitão, que observou também que a ambulância saía e chegava, saía e chegava, mas não se viam feridos. Sendo assim, a Artilharia realizou um ataque ao local, que explodiu tão forte que a noite parecia dia.⁶

O pracinha Ubirajara Dolácio Mendes explicou a grande concentração de fogo do inimigo em Montese e também uma nova arma usada pela primeira vez, o morteiro químico americano, concluindo “[...]se a frente de Montese não era o inferno na terra, pouco devia faltar”; não precisando assim de maiores explicações sobre a dificuldade da vitória em Montese (MENDES, [199-?] década provável, p.174).

Final de dezembro de 1944, para Diário Carioca, Rubem Braga se autointitulou um turista na guerra, lembrando que parecia um sonho de criança quando viu as montanhas cobertas de neve pela primeira vez e que se sentiu incapaz de escrever qualquer coisa sobre a guerra. Porém, no final de sua narração, algo o fez lembrar onde estava e acrescentou: “E ao luar essa terra de inverno esplende numa primavera branca de sonho. É uma beleza assassina” (BRAGA, 1996, p.88).

Essa beleza assassina foi testemunhada por Sebastião Rodrigues de Souza, que contou com lágrimas nos olhos e sua voz embarcada ao dizer que eles subiam de um lado e os caminhões descendo à direita cheios de


sacos brancos compridos. Eram os cadáveres, que estavam sob o gelo por mais de um mês. Ele explicou que o degelo começa com dois palmos de neve congelada, que, quando o sol vai batendo, vai desfazendo, e os mortos das batalhas anteriores foram aparecendo; assim conseguiram tirar os mortos dali.

Diante do exposto, necessário se faz fomentar a reflexão acerca da imprensa brasileira e seu papel no período em que a FEB combateu durante a 2ª Guerra Mundial, especificamente no teatro de operações da Itália.

Sob a orientação da DIP, verifica-se que os jornais traziam reportagens heroicas como uma forma de estratégia política e militar.

As pesquisas nos jornais da época podem fornecer as tendências dos redatores, do governo, do próprio correspondente, que, em suas crônicas e reportagens, as quais mui-

tas vezes iam além de seus feitos de guerra, como também de fatos excêntricos, pitorescos e curiosos.

Enfim, observar e comparar os fatos narrados pelos correspondentes de guerra e os pracinhas brasileiros é de suma importância para que se tenha a compreensão real da participação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial, pois, mesmo com o discurso exagerado tentando reafirmar o discurso do estado Novo “vendendo” uma imagem de um soldado-herói, que recebeu todo suporte, treinamento e equipamento, a verdade vivenciada pelo pracinha teria sido uma antítese não fosse seu comportamento exemplar, seu espírito cordial e guerreiro, em que coaduna aquele que divide seu próprio alimento com a população local e aquele que não teme a morte em nome de seu país. 

Referências

AGÊNCIA GLOBO SERVIÇOS DE IMPRENSA LTDA. **Globo Expedicionário – O Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Agência Globo, 1985.

BRAGA, Rubem. **CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA**. 3ª Edição. Rio de Janeiro. Editora Record. 1996.

DEQUECH, José. **NÓS ESTIVEMOS LÁ**. 2ª Edição. Curitiba. Legião Paranaense do Expedicionário. 1994.

Hallawell, Francis. **O rádio no Brasil**. BBC Serviço Brasileiro Londres: BBC World Service Publicity, 1989, disco nº 12.

HENN, Leonardo Guede. **OS CORRESPONDENTES DE GUERRA E A COBERTURA JORNALÍSTICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA, v. 26, n. 03, set/dez 2013, p. 670 – 686.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz c. et FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação – Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEAL, Maria Isalet de Britto. **História de um Pracinha da Segunda Guerra Mundial – Memó-**

rias de meu pai. Volta Redonda: Edição do Autor, 2012.

MENDES, Ubirajara Dolácio. **BRASILEIROS NA GUERRA.** (Zé Silva na F.E.B.). São Paulo. [199-?] década provável.

MIRANDA. Fernando Albuquerque, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. 14 páginas. Entrevistador: Fernando Albuquerque Miranda.

O GLOBO Expedicionário. **O Brasil na II Guerra Mundial.** Agência Globo.

RIGONI, Carmem Lúcia. **1944-1945. A SAGA DOS BRASILEIROS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.** Caminhos de uma trajetória no front italiano. Curitiba. Editora Multideia, 2016.

RODRIGUES, Luiz Afonso. Luiz Afonso Rodrigues: Depoimento [Nov.2015] Entrevistadora Elen C.G. Vasconcellos. Valença-RJ: Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Valença. 1 arquivo mp4 (32min19s). Transcrição: Elen C.G.Vasconcellos.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. **A FEB por um soldado.** Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989. p.125.

SOUZA. Sebastião Rodrigues de. **Sebastião Rodrigues de Souza.** Entrevistador Paulo Roberto Reis de Oliveira Soares. Projeto da Monografia: O Presente Esquecido dos Heróis do Passado. Centro Universitário Geraldo di Biase, 2016. 1 arquivo mp4 (21min24s). Transcrição: Elen C.G.Vasconcellos.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Informação obtida no site da BCC: “Como um engenheiro se transformou no correspondente que imortalizou a voz e a luta dos soldados brasileiros na 2ª Guerra”. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-43415056> Acesso: 09 jun 2018.

² Arquivo Nacional, gravação 0139, DSO.

³ SOUZA. Sebastião Rodrigues de. Sebastião Rodrigues de Souza. Entrevistador Paulo Roberto Reis de Oliveira Soares. Projeto da Monografia: O Presente Esquecido dos Heróis do Passado. Centro Universitário Geraldo di Biase, 2016. 1 arquivo mp4 (21min24s) Transcrição: Elen C.G.Vasconcellos

⁴ Idem.

⁵ Dutra, Eurico Gaspar. CPDOC. Disponível em <www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>. Acesso em 09 jun 2018.

⁶ RODRIGUES, Luiz Afonso. Luiz Afonso Rodrigues: Depoimento [Nov.2015] Entrevistadora Elen C.G. Vasconcellos. Valença-RJ: Associação dos Ex-Combatentes do Brasil – Seção Valença. 1 arquivo mp4 (32min19s). Transcrição: Elen C.G.Vasconcellos.